



Guia

DE FACILITAÇÃO DE TRABALHO COLETIVO COM MULHERES IMIGRANTES

USANDO O VIOLENTÔMETRO
COMO FERRAMENTA DE EMANCIPAÇÃO



Sefras
AÇÃO SOCIAL FRANCISCANA



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA

Expediente

Ação Social Franciscana – SEFRAS 2024

Coordenação

Rosangela Pezoti

Elaboração e apoio técnico

Claudia Ribeiro Defendi e Macarena Maria Sfeir Sfeir

Design e diagramação

Mateus Leal Guimarães Sales

Obra realizada por meio do Termo de Fomento

Nº. TFM/151/2023/SMDHC/CPIPTD

Por meio da Emenda Parlamentar da Vereadora Elaine Mineiro da Mandata Coletiva do Quilombo Periférico (PSOL)

Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania

Prefeitura Municipal de São Paulo



Sefras

AÇÃO SOCIAL FRANCISCANA

acolher,
cuidar e
defender

Quem somos?

O Sefras – Ação Social Franciscana é uma organização social apartidária e de princípios franciscanos com mais de 23 anos de atuação social em 17 territórios pelo país. Guiados pelos valores de acolher, cuidar e defender, atendemos mais de 3 mil pessoas todos os dias, lutando diariamente no combate às violações de direitos e pela inserção econômica e social de populações extremamente vulneráveis: pessoas idosas, migrantes e refugiados, crianças e adolescentes, população em situação de rua e pessoas acometidas pela hanseníase.

Atuamos também na promoção do trabalho decente, em combate ao trabalho análogo à escravidão em grandes metrópoles, na luta contra a fome e pela preservação da Amazônia e defesa intransigente das pessoas e comunidades que a defendem.



17 Territórios

Espalhados pelo país



3 mil pessoas

Atendidas todos os dias





Projeto “Fortalecer Direitos de Mulheres Imigrantes e Refugiadas”

30%
das mulheres já sofreram
violência doméstica ou
familiar no Brasil

O projeto “Fortalecer Direitos de Mulheres Imigrantes e Refugiadas” é uma iniciativa que ocorreu no ano de 2024, gerenciado e executado pelo SEFRAS, Ação Social Franciscana, em convênio com a Coordenação de Políticas para Imigrantes e Promoção do Trabalho Decente (CPMigTD), no âmbito da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (SMDHC) e conta com recursos de emenda parlamentar da Mandata Coletiva do Quilombo Periférico (PSOL).

O objetivo geral do trabalho é promover a articulação de mulheres imigrantes e refugiadas submetidas e/ou vulneráveis à violência patriarcal baseada em gênero, a partir de atividades coletivas entre elas, e junto aos equipamentos socioassistenciais, de saúde, educação e de defesa de direitos a nível local, através do acesso à informação e do fortalecimento territorial, com atuação itinerante, tendo atingido mais de 10 distritos nas regiões central, leste, norte e sul do município de São Paulo.

O violentômetro: um importante instrumento no enfrentamento a violência contra mulheres

A taxa de violência masculina contra a mulher no Brasil é preocupante. Segundo pesquisa nacional do DataSenado de 2023, 30% das mulheres já sofreram violência doméstica ou familiar e todos os tipos de violência sofreram aumento desde a última pesquisa, dando especial destaque ao aumento dos relatos de violência psicológica e moral. A conscientização a respeito do que é violência e quais suas formas de expressão mostra-se como um caminho importante para fortalecer mulheres e construir possibilidades de romper ciclos de violência.



Conversar com mulheres sobre violência baseada em gênero pode ser algo muito mobilizador e difícil, mas torna-se cada vez mais necessário. Mas como trabalhar este tema? Para tal, trabalhadoras e trabalhadores de equipamentos, serviços e redes de defesa de direitos têm-se apoiado em diversos instrumentos, entre eles o violentômetro, instrumento que propõe exemplificar e medir a violência.

Criado inicialmente em 2009 no Instituto Politécnico Nacional do México¹ e reproduzido através de diversas instituições no mundo todo, o violentômetro é uma forma potente de mostrar às mulheres que há mais tipos de violência do que elas imaginam. Geralmente quando pensamos em casos de violência, a primeira que imaginamos é a violência física em forma de golpes, mas há diversas formas de violência que, sendo elas menos aparentes ou lembradas, ainda podem ter grandes impactos para as mulheres. Entre elas estão a violência psicológica, moral, patrimonial, sexual e institucional, para nomear alguns exemplos².

E as mulheres imigrantes?

Enquanto o violentômetro é de fato um instrumento potente e necessário, vêm-se discutindo também seus limites. Como este instrumento pode captar a diversidade das vivências das mulheres? O que estamos afirmando quando o tratamos como se este fosse capaz de nomear e medir todas as formas de violência para todas mulheres, de todas as classes, raças, etnias, nacionalidades, culturas, identidades sexuais e de gênero? Será que não há outras violências vividas pelas mulheres que precisam ser levadas em conta?

Há algum tempo as teorias feministas interseccionais nos advertem sobre os perigos de olhar para a mulher como se suas necessidades e vivências fossem homogêneas, como se mulheres brancas tivessem as mesmas experiências que

1 Para conhecer o instrumento original, acesse: <https://www.ipn.mx/genero/materiales/violentometro.html>

2 Para saber mais sobre os tipos de violência e onde buscar ajuda, acesse a cartilha lançada pelo SEFRAS em parceria com a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo no link: <https://www.sefras.org.br/blog/conhe%C3%A7a-a-cartilha-enfrentamento-%C3%A0-viol%C3%A2ncia-contra-mulheres>



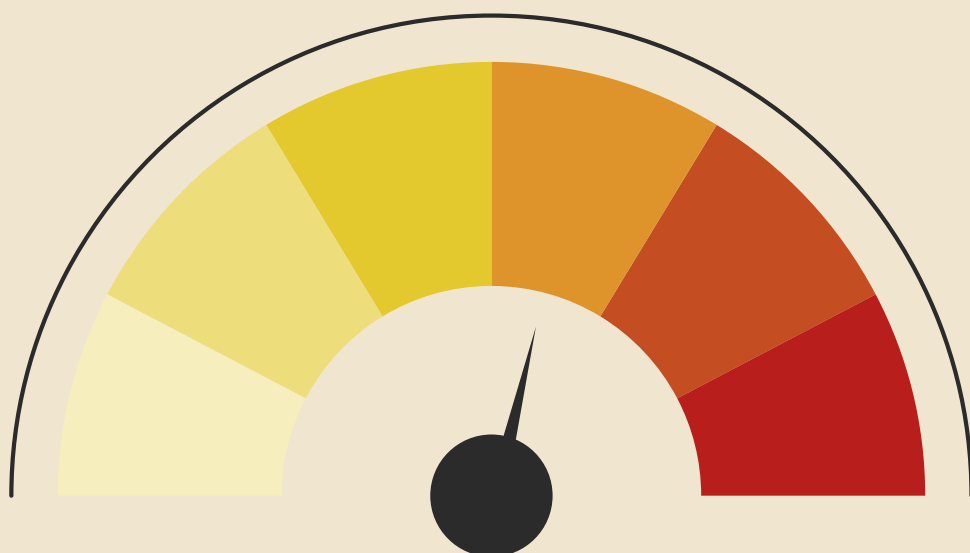


mulheres negras, de mulheres ricas e pobres, mulheres cisgênero e transgênero, heterossexuais e sáficas. Do mesmo jeito, ser uma mulher brasileira não implica nas mesmas violências que mulheres imigrantes vivenciam, pois não estamos tratando de uma população heterogênea, mas de uma ampla diversidade de raças, nacionalidades, situações socioeconômicas, contextos de migração, leitura de mundo, cultura, política e religiões. Assim, nenhum instrumento padrão poderia ser suficiente para expressar as vivências de violência dessas mulheres enquanto grupo.

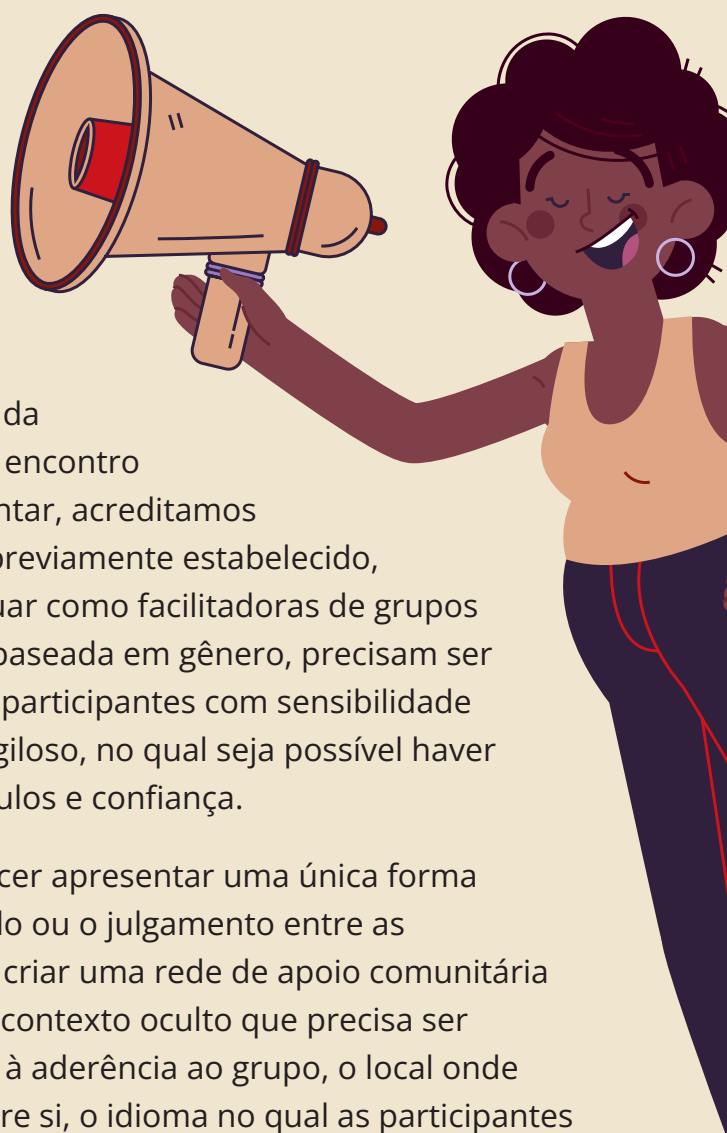
O projeto “Fortalecer os Direitos de Mulheres Imigrantes e Refugiadas” surge como uma experiência piloto para começar a alcançar essas especificidades, e ao fazer uso do violentômetro no cotidiano do trabalho, nos indagamos como se aplicaria às mulheres com as quais trabalhamos? Que outras violências as atingem e precisam ser nomeadas?

Em muitos âmbitos, migrar pode significar encontrar-se vulnerável de várias formas, especialmente quando a migração acontece de forma forçada. Sair do país de origem significa deixar família, amigas e amigos e toda uma rede de proteção e apoio. Mulheres podem migrar sozinhas ou acompanhadas de sua família e quase sempre têm sob sua responsabilidade realizar trabalhos não-remunerados de cuidado de casa e de familiares, o que torna mais difícil aprender a língua falada no lugar novo e criar uma rede para si. Enquanto isso, os homens tendem a sair mais de casa, se apropriando mais rapidamente da cidade, aprendendo o novo idioma primeiro e acessando recursos financeiros com mais facilidade, tendo assim controle sobre a comunicação e as possibilidades econômicas da família. Estes e outros fatores representam possíveis vulnerabilidades para as mulheres imigrantes.

Há, assim, a necessidade de criar um instrumento que possa levar em conta as vivências de cada grupo de mulheres de forma dialética, que possa ser repensado de acordo com cada realidade encontrada, trazendo mais sentido e mais proximidade com quem o encontra. Portanto, este material visa propor novas construções conjuntas com mulheres imigrantes, providenciando um espaço de troca, escuta e fortalecimento e levando em conta a potência que o encontro entre mulheres pode ter.



Como facilitar a construção de um violentômetro?



Para construir processos de autonomia através da educação popular e atingir a potência que cada encontro e troca entre mulheres imigrantes pode apresentar, acreditamos que não há nenhuma forma de conhecimento previamente estabelecido, absoluto ou finito. As pessoas que quiserem atuar como facilitadoras de grupos de mulheres para o enfrentamento a violência baseada em gênero, precisam ser capazes de enxergar o assunto e cada uma das participantes com sensibilidade e, primeiramente, criar um ambiente seguro, sigiloso, no qual seja possível haver trocas de saberes e experiências, construir vínculos e confiança.

O grupo não deve, em nenhum momento, parecer apresentar uma única forma correta de pensar ou agir, nem estimular o medo ou o julgamento entre as participantes, pelo contrário, deve ser capaz de criar uma rede de apoio comunitária que acolha a pluralidade. Neste sentido, há um contexto oculto que precisa ser percebido e levado em conta, como as reações, à aderência ao grupo, o local onde está ocorrendo, a convivência das mulheres entre si, o idioma no qual as participantes se sentem mais confortáveis em se comunicar, os valores, crenças e formas de ver o mundo que são reproduzidas através de códigos sociais que precisam ser trabalhados com cuidado e vistos desde as perspectivas das participantes. Portanto, a metodologia aplicada é dialética e os acordos coletivos devem ser criados de acordo com a realidade de cada grupo, podendo ter ritmos, temas e resultados diferentes.



Proposta prática de atividade:



MATERIAIS SUGERIDOS:

- Imagem impressa ou desenhada do violentômetro original;
- Papéis de diferentes cores e tamanhos;
- Materiais coloridos que possam estimular a criatividade das participantes como post-its, adesivos, fita adesiva, cola, canetas ou canetões;
- Cartolinas para montagem do instrumento.

SUGESTÃO DE DINÂMICA:

- 1 Apresentar o grupo, o intuito do encontro e de cada uma das participantes;
- 2 Fazer combinados coletivos: Como se trata de um grupo em que podem surgir questões delicadas, combinar um compromisso de sigilo e escuta de umas às outras
- 3 Expor os significados de violência baseada em gênero e os diferentes tipos de violência existentes. Caso haja relatos, acolher as falas e conversar sobre as experiências específicas enquanto mulheres imigrantes no Brasil;
- 4 Estimular a reflexão sobre as razões que fazem a violência baseada em gênero seguir crescendo e razões para que mulheres sigam vivendo em contextos de violência;
- 5 Apresentar o instrumento violentômetro originalmente criado e conversar sobre os itens que se apresentam e que podem parecer importantes para as participantes, explicando a forma em que está construindo e estimulando a compreensão do que lhes chama atenção.



6

Veja abaixo as imagens do violentômetro criado no México:

VIOLENTÔMETRO
SINAIS DE ALERTA

CUIDADO **REAJA** **DENUNCIE**

CUIDADO

- fazer piadas ofensivas
- chantagear
- mentir/enganar
- ignorar/dar um "gelo"
- ciumar
- culpar
- desqualificar
- ridicularizar/ofender
- humilhar em público

A violência está presente e tende a aumentar!

REAJA

- intimidar/ameaçar
- controlar/proibir (amigos, família, dinheiro, lugares, roupa, aparência, atividades, internet, celular, etc.)
- destruir bens pessoais
- machucar
- dar "tapinhas, pancadinhas"
- brincar de bater
- beliscar/arranhar
- empurrar
- dar tapas

Denuncie e peça ajuda!

DENUNCIE

- chutar
- confinar/prender
- ameaçar com objetos ou armas
- ameaçar de morte
- forçar uma relação sexual
- cometer abuso sexual
- violentar
- mutilar

Peça ajuda a um profissional, sua vida está em perigo!

MATAR

Mais de um tipo de agressão pode ocorrer simultaneamente, nem sempre nessa sequência. Fique atenta a qualquer sinal de violência, não deixe passar!

DENUNCIE: LIGUE 180

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS

Fonte: Material original do Programa Institucional de Gestão com Perspectiva de Gênero do IPN/México, adaptado pela ALMG.

VIOLENTÔMETRO
La Violencia de género también se mide

CUIDADO
La Violencia aumentará

ALERTA
Reaccional:
NO TE DEJES DESTRUIR

URGENTE
NECESITAS AYUDA URGENTE
PIDELAI!

Bromas hirientes 0

Chantajear 1

Mentir, engañar 2

Ignorar, ley del hielo 3

Celar 4

Culpabilizar 5

Descalificar 6

Ridicularizar, ofender 7

Humillar en público 8

Intimidar, amenazar 9

Controlar, prohibir 10

Amistades, familiares, dinero, lugares, apariencia, actividades, celular, mails y redes sociales. 11

Destruir art. personales 12

Manosear 13

Caricias agresivas 14

Golpear "jugando" 15

Pellizcar, arañar 16

Empujar, jalinear 17

cachetear 18

Patear 19

Encerrar, aislar 20

Amenazar con objetos o armas 21

Amenazar de muerte 22

Forzar a una relación sexual 23

Abuso sexual 24

Violar 25

Mutilar 26

27

28

29

ASESINAR 30

CURSO INTERNACIONAL DE ESPECIALIZACIÓN

FACILITADOR GRUPAL EN
PREVENCIÓN DE LA
VIOLENCIA
DE GÉNERO

Asociación Civil **Libérate**
Líderes en Desarrollo Personal

Nota-se que ele, diferentemente, não representa uma linha horizontal e sim vertical. É importante que esta estrutura de desenho não venha a medir quais violências são maiores ou menores, tampouco dar a entender que uma vez que a primeira aconteça, será uma regra passar por todas as possibilidades de violência, mas sim levar todas em conta enquanto violências, inclusive sendo possível redesenhá-lo em outras perspectivas.



7

Conversar sobre ser mulher imigrante especificamente. Quais itens seriam importantes? É possível importar itens do violentômetro já criado ou, criar também novos e diferentes itens. Ou, se não, criar novos itens. A facilitação deve estimular as participantes a pensar se estão contempladas com os itens expostos no instrumento ou se há outras situações que seria importante nomear e incluir.

8

Distribuir papéis e pedir para que as participantes escrevam outras situações que elas consideram violências que seriam importantes nomear e incluir. Coletar os papéis.

9

Redistribuir os papéis de forma aleatória. Cada uma lê em voz alta o papel que recebeu, escrito por outra pessoa companheira de grupo, estimulando a reflexão coletiva sobre as novas situações apresentadas e deixando-as à vontade sobre detalhar ou não o que foi exposto;

10

Decidir, em grupo, possíveis agrupamentos dos tipos de violências e seus títulos e colar na cartolina. As categorias podem ser: lugares onde as violências acontecem, momentos do dia a dia em que acontecem, autores de violência, etc.

11

Reservar um tempo para pintar, colar, desenhar e enfeitar o violentômetro criado.

12

Reservar um tempo para que as participantes acrescentem comentários, dúvidas, sugestões, relatos, etc.



Sugestões de perguntas disparadoras para reflexão:



- Como foi sua vinda ao Brasil? De avião? De ônibus?
- Como foi o primeiro contato com a Polícia Federal?
- Como foi o processo de encontrar uma casa para viver em São Paulo?
- No bairro, sofreu alguma discriminação por ser imigrante? E por ser mulher?
- Seus filhos e filhas passaram por discriminação?
- Atualmente, sente que o tratamento em comunidade mudou, sente-se mais integrada?
- No processo de refazer a vida em uma nova cidade, quais são suas preocupações? Quem te apoia? Qual a diferença dessas preocupações entre homens e mulheres?
- Como é seu cotidiano? Você tem tempo para si? O que gosta de fazer? Com quem convive?

Outros cuidados importantes:

- Para promover grupos com o tema de enfrentamento a violência contra mulheres, apoie-se e articule-se com equipamentos de proteção a direitos do território que possam encaminhar e acolher demandas que possam surgir a partir do tema trabalhado;
- Priorize que as conversas sejam feitas no idioma materno, pois deixa as pessoas mais confortáveis. Em caso de que seja necessário a presença de uma tradutora e intérprete, esta pessoa deve ser exclusivamente mulher e precisa ter sensibilidade ao tema trabalhado, compactuar com sigilo das informações que surgirem no grupo e deve ter compromisso com a tradução fiel daquilo que foi comunicado também considerando uma leitura de culturas;
- Promova formas de dar continuidade ao grupo de maneira que trabalhar o enfrentamento a violência possa se constituir uma potencialidade entre as participantes e não uma revisita às dores vividas. Oriente as participantes sobre quais são as leis que protegem mulheres vítimas de violência no Brasil e onde buscar ajuda.

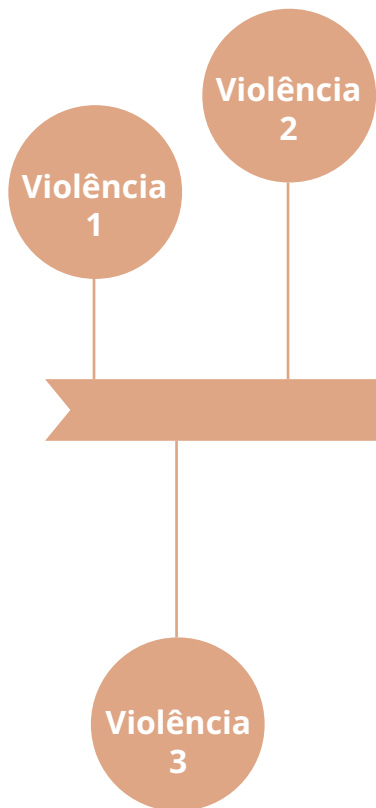
Referências:

MARTÍNEZ, Á. ¿Qué es el violentómetro y para qué sirve? , 6 mar. 2021. Disponível em: <[https://institutosivana.org/que-es-el-violentometro-y-para-que-sirve/#:~:text=%C2%BFQu%C3%A9%20es%20el%20violent%C3%B3metro%20y,Polit%C3%A9cnico%20Nacional\)%20de%20la%20CDMX.](https://institutosivana.org/que-es-el-violentometro-y-para-que-sirve/#:~:text=%C2%BFQu%C3%A9%20es%20el%20violent%C3%B3metro%20y,Polit%C3%A9cnico%20Nacional)%20de%20la%20CDMX.)>. Acesso em: 10 mar. 2024

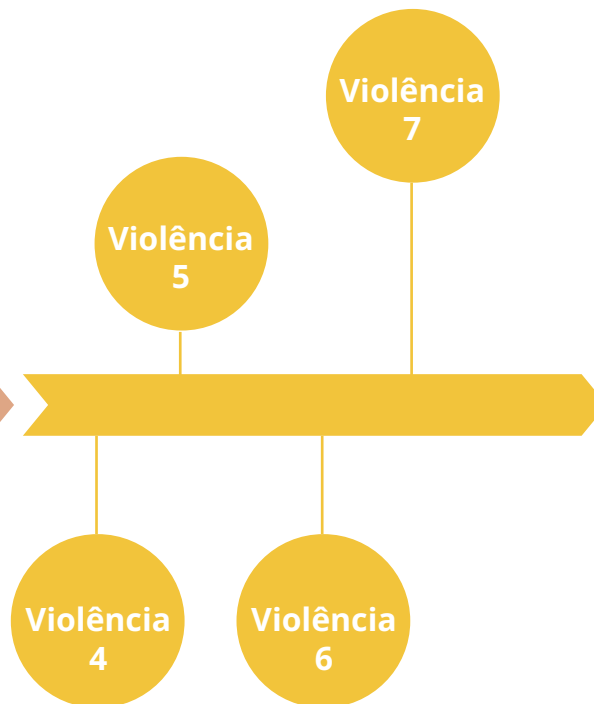
Pesquisa Nacional da Violência contra a Mulher. Instituto de Pesquisa DataSenado, 2023. Disponível em: <file:///Users/macasfb/Downloads/Destaques_PES_NACIONAL_VIOLENCIA_CONTRA_MULHER_Digital.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

VIOLENTÔMETRO

CATEGORIA A



CATEGORIA B



CATEGORIA C



CATEGORIA D



Você não está sozinha! Conte conosco!

CRAI Oriana Jara

(Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes)

Rua Major Diogo, 834, Bela Vista - São Paulo

Contato: (11) 2361-5069 / crai@sefras.org.br

Horário de atendimento: Segunda a sexta-feira, das 8h às 17h



Sefras
AÇÃO SOCIAL FRANCISCANA



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA